

Um *habitus* para a tradução da mestiçagem brasileira de Darcy Ribeiro em língua inglesa: estudo baseado no *corpus* das obras *O povo brasileiro* e *The Brazilian people*

(A *habitus* for Darcy Ribeiro's Brazilian Miscegenation in English: a corpus based translation study on the works *O povo brasileiro* e *The Brazilian people*)

Talita Serpa

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Ibilce/Unesp);
União das Faculdades dos Grandes Lagos de São José do Rio Preto (Unilago)

talitasrp82@gmail.com

Abstract: Intending to investigate the *translational habitus* related to the concepts about “miscegenation” proposed by Darcy Ribeiro, this paper analyses a parallel corpus composed by the work *O povo brasileiro* (1995), and by its respective translation into English, performed by Rabassa. The theory used are Corpus-Based Translation Studies (BAKER, 1995, 1996; CAMARGO, 2005, 2007), Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2004), Sociology of Translation (SIMEONI, 1998; GOUANVIC, 1995, 1999), and, in part, Terminology (BARROS, 2004). The observation of Ribeiro's terminology showed that there is a *habitus* which circumscribes the use of terms associated to the Brazilian racial mixture, as well as there are some factors considered by the translator in order to develop his own behaviour.

Keywords: Corpus-Based Translation Studies; Corpus Linguistics; anthropological terminology; Darcy Ribeiro; miscegenation; *translational habitus*.

Resumo: Com o propósito de investigar o *habitus tradutório* no tocante aos conceitos de “mestiçagem” propostos por Darcy Ribeiro, analisamos um *corpus* paralelo composto pela obra *O povo brasileiro* (1995) e pela respectiva tradução para o inglês, realizada por Rabassa. Para tanto, adotamos o arcabouço dos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (BAKER, 1995, 1996; CAMARGO, 2005, 2007), da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004), da Sociologia da Tradução (SIMEONI, 1998; GOUANVIC, 1995, 1999) e, em parte, da Terminologia (BARROS, 2004). Notamos que, partindo da terminologização das teorias darcynianas, ocorre a formulação de um *habitus* que circunscreve o uso de termos voltados à mistura racial brasileira, assim como verificamos quais os fatores observados pelo tradutor para compor seu próprio comportamento.

Palavras-chave: Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*; Linguística de *Corpus*; terminologia antropológica; Darcy Ribeiro; mestiçagem; *habitus tradutório*.

Introdução

A concepção da “mestiçagem” promulgada pelos estudos antropológicos, fundamenta-se, a princípio, com base na observação analítica das interações entre grupos raciais distintos, principalmente durante o processo de povoação dos novos territórios descobertos durante o período colonial.

De modo geral, o conceito parte de padrões biológicos que determinam a proporção da mistura de sangue entre membros de grupos humanos diferenciados. Contudo, a compreensão sociocultural procura ater-se aos dados propriamente sociais das classificações,

vinculando-as ao universo das etnias¹ e das classes² e atrelando a ideia de “mestiço” a valores de ordem cultural.

No Brasil, as investigações destinadas a esse objeto apresentam-se com base nas teorias de Freyre (1933), as quais destacam o papel integrador da miscigenação, tratando essa como uma característica específica da colonização e tendente a afirmar as crenças e tradições de uma nacionalidade que integra uma ampla variedade de núcleos sociais.

No âmbito da produção da teoria de Darcy Ribeiro para a antropologia brasileira, notamos que o autor enfatiza a multiplicidade de papéis sociais de personagens brasileiros, o que lhe permite concentrar a análise em um foco principal: a questão dos índios e negros e a formação da identidade do povo brasileiro miscigenado.

Ribeiro promove novos parâmetros, cria novos termos e recategoriza hipóteses precedentes, adaptando-as à proposta de um povo que é morenizado em sua identificação, mitos e atitudes.

O pesquisador se dedica ao debate popular-nacional de formação do sentimento de nacionalidade do brasileiro e é influenciado pelo anticolonialismo, que promoveu, na década de 50, conteúdos emancipadores da ordem social precedente. Dessa maneira, Darcy consolida uma teoria antropológica alternativa, que explica os povos novos na história:

Como classificar, uns em relação aos outros, os povos indígenas, que variavam desde altas civilizações até hordas pré-agrícolas e que reagiram à conquista segundo o grau de desenvolvimento que haviam alcançado? Como situar, em relação aos povos indígenas e europeus, os africanos desgarrados de grupos em distintos graus de desenvolvimento para serem transplantados à América como mão-de-obra escrava? Como classificar os europeus que regeram a conquista? (RIBEIRO, 1995, p. 8-9)

O autor propõe o reconhecimento da singularidade das regiões nativas, a aceitação de suas diferenças em relação às metrópoles, e admite a transculturação e a invenção da cultura mestiça latina. Assim, identifica no povo brasileiro um novo gênero humano, fruto do “atroz processo de fazimento do nosso povo” (RIBEIRO, 1995, p. 20).

Em *O povo brasileiro*, o autor teoriza uma forma de organização populacional para os povos do Brasil, resultado dos processos de “desindianização” do índio, de “desafricanização” do negro e “deseuropeização” do europeu. Apresenta a ideia de uma nação de mestiços, os quais não são iguais aos seus ascendentes de outras etnias, constituindo, desse modo, uma nova “etnia nacional”, dos índios e africanos mortos, dos mamelucos, caboclos e mulatos que, sem identidade, plasmaram a identidade do brasileiro, “dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais dela oriundos” (RIBEIRO, 1995, p. 19).

Observamos, portanto, que o estudioso defende uma teoria explicativa em que cabem as especificidades da formação da América-Latina. Na obra *O povo brasileiro*,

1 O termo etnia, em geral, é empregado na literatura antropológica para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural. O conceito de etnia está ligado aos conceitos de grupo étnico e de cultura (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 435).

2 Classe Social: nas ciências sociais o termo associa-se com a ideia de estratificação. Tem sido usado para identificar todos os indivíduos que possuem, dentro da estrutura de uma sociedade ou comunidade, a mesma quantidade relativa de poder, renda, riqueza, prestígio, ou uma combinação desses elementos (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 195).

Darcy reconhece o sujeito descentrado e fragmentado que, partilhando de outras identidades, ousa encontrar no “ser brasileiro” sua base identitária, embora essa não seja unificada nem única. Termina por considerar que

Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical [...]. Mais alegre porque mais sofrida. Melhor porque incorpora em si mais humanidades. (RIBEIRO, 1995, p. 454-455)

O teórico salienta que, ao desenvolver suas pesquisas, tinha em mente propor um esquema conceitual mais verossímil e mais explicativo que os então disponíveis, por meio da proposição de novas formações socioculturais. Procura associar a noção de brasilidade à gestão de um povo, reconstruído a partir da confluência e caldeamento do invasor português, dos índios silvícolas e campineiros e dos negros africanos, aliciados como escravos.

Dentro desse quadro, os profissionais responsáveis pelas versões dos textos traduzidos (TTs) de Darcy Ribeiro trabalham com propostas antropológicas bastante recentes em relação à forma como as ciências sociais apresentavam a miscigenação. Sendo assim, tendem a promover a introdução dos conceitos e teorizações do autor no universo socio-antropológico internacional.

Com base nesses aspectos, o presente trabalho busca observar o comportamento linguístico³ de Gregory Rabassa ao lidar com dificuldades oriundas do processo tradutório do núcleo conceitual referente à “mestiçagem” presente no texto original (TO) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), e ao vertê-lo para a língua inglesa na obra *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil* (2000).

Dessa forma, por meio da reflexão sobre aproximações e distanciamentos na tradução para o inglês de termos simples, expressões fixas e semifixas presentes nos *corpora* de TOs e de TTs da subárea de AC, objetivamos desvendar, com o auxílio da linguística de *corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004), mecanismos de reinterpretação cultural por meio da prática tradutória. Nesse sentido, valemo-nos, também, das teorias postuladas pela sociologia da tradução (SIMEONI, 1998; GOUANVIC, 1999; 2005), com o propósito de descobrir se há a ocorrência de um *habitus* tradutório para a tradução intercultural de textos seminais de Darcy Ribeiro.

Fundamentação teórica

Este trabalho baseia-se na abordagem teórico-metodológica dos estudos da tradução baseados em *corpus* propostos pela teórica Mona Baker (1993; 1995; 1996; 1999). Dentro do arcabouço tomado como base pela autora, a investigação de TTs fundamenta-se nos estudos descritivos da tradução (EVEN-ZOHAR, 1978; TOURY, 1978), bem como no aporte da linguística de *corpus* formulado por Sinclair (1991).

Partindo dessa perspectiva, Baker (1993; 1995; 1996) salienta a necessidade de se abandonar, no campo dos estudos da tradução, concepções tradicionais arraigadas referentes

³ Entende-se por comportamento linguístico as escolhas léxico-semânticas e sintáticas adotadas pelos tradutores na composição de seus TTs.

à equivalência e à correspondência de significados entre as duas línguas envolvidas, conceitos, até então, tidos como referências irrefutáveis entre os pesquisadores.

A autora (BAKER, 1993) propõe-se a desenvolver um quadro epistemológico capaz de abarcar os principais elementos constituintes do processo tradutório em uma análise reflexiva relevante. Compreende a apreciação do TT em seu ambiente de interação e dá abertura para um enfoque comparativo em corpora eletrônico.

Baker (1995) apresenta, dessa forma, sua concepção de *corpus*, de modo a auxiliar na percepção de diferenças entre a linguagem da tradução e a dos textos originalmente escritos em uma dada língua. Para a pesquisadora:

[...] corpus é um conjunto de textos naturais (em oposição a exemplos/sentenças), organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, em forma automática ou semi-automática (em vez de manualmente).⁴ (BAKER, 1995, p. 226; traduzido por CAMARGO, 2007, p. 18)

Outra pesquisadora que adota os princípios dos estudos baseados em *corpus* é Sara Laviosa, segundo a qual:

Os Estudos da Tradução Baseados em Corpus representam uma área de pesquisa que tem atraído um número crescente de pesquisadores entusiastas que acreditam firmemente em seu potencial de fornecer informação para projetos bem elaborados realizados no mundo todo bem como de reconciliar a pluralidade de necessidades e interesses dentro da disciplina.⁵ (LAVIOSA, 2002, p. 33)

Baker (1996, p. 178) enfatiza que esse tipo de abordagem possibilita uma maior conscientização de que o significado não é independente, mas se dá dentro de um contexto linguístico situacional e social específico. Sendo assim, as análises decorrentes dessa nova perspectiva deixam de lado o levantamento de características distintivas entre o TT e o TO e permitem, como aponta Camargo (2007, p. 32), diferentes investigações sobre o estilo de determinado tradutor ou de *corpus* que pertencem a diferentes períodos ou a tipos textuais distintos.

Com base nesses aspectos, Berber-Sardinha (2004), no âmbito da linguística de *corpus*, aponta que “a visão da linguagem como sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 30).

Compreendemos, com isso, que a linguagem apresenta dada regularidade, o que permite que seja mapeada de acordo com o contexto de uso. Dessa forma, é possível delinear, por meio da análise de *corpora*, quais os comportamentos recorrentes no processo de transposição de uma língua à outra. Isso significaria dizer que, como afirma Berber-Sardinha (2004, p. 31), a linguagem é padronizada e não um conjunto de escolhas aleatórias de indivíduos isolados.

4 No original: “Corpus mean[s] any collection of running texts (as opposed to examples/sentences), held in electronic form and analysable automatically or semi-automatically (rather than manually)”.

5 No original: “Corpus-based Translation Studies represent an area of research that is attracting a growing number of enthusiastic scholars who genuinely believe in its potential for informing well thought-out projects throughout the world and for reconciling the plurality of needs and interests within the discipline”.

Em nossa pesquisa, também fazemos uso de pressupostos da Terminologia, visto que suas teorias tendem a fornecer o material necessário à atividade tradutória, de modo que os profissionais da área passam a contar com o acesso rápido aos termos apropriados dos mais diversos campos de produção técnico-científica.

Sendo assim, observamos os termos especializados, entendidos como a “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5, apud BARROS, 2004, p. 40). Compreendemos, ainda, que “termos” caracterizam conceitos específicos de um domínio de especialidade. Quanto à definição de “expressões fixas”, Baker (1992) considera que são expressões consagradas, referentes a determinados tipos de texto, e que permitem pouca ou nenhuma variação. No caso das expressões semifixas, Camargo (2005) aponta que apresentam maiores variações e carregam consigo todo um contexto, podendo ser consideradas específicas de uma determinada língua de especialidade.

No âmbito da construção terminológica na área da antropologia e demais ciências sociais, Pathak afirma, em sua obra *Sociological Concepts and Terminology* (1998), que ocorrem determinados aspectos condicionantes que a diferem das demais áreas de especialidade. São eles: (1) o fato de que nessa área diversos termos podem designar um mesmo conceito; (2) um mesmo termo pode designar diferentes conceitos; (3) diferentes estudiosos associam conceitos distintos a um único termo; (4) os conceitos são geralmente expressos por palavras de uso cotidiano; e (5) em ciências sociais, os termos não são formulados em linguagem simbólica. A esses fatores podemos ainda acrescentar que a terminologia nesse campo de investigação apresenta variação na sua forma de abordagem, sofrendo alterações de significado e uso de acordo com a leitura realizada pelos teóricos envolvidos.

Faulstich enfatiza que a investigação terminológica relacionada à cultura deve considerar que

[...] os termos, no meio linguístico e social, são entidades passíveis de variação e mudança e que as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. (2002, p. 70)

Essa proposição adequa-se ao objetivo de nossa investigação, ou seja, avaliar as possíveis diferenças entre a composição dos termos e conceitos voltados à “mestiçagem” brasileira, os quais estão inseridos na antropologia de Darcy Ribeiro, tanto em língua fonte (LF) quanto em língua meta (LM). As análises de Faulstich (2002; 2004) corroboram as ideias de que os termos assumem funções específicas “de acordo com o contexto de uso”; e de que, em condições similares de uso, “serão considerados variantes um do outro” (FAULSTICH, 2002, p. 75).

É nesse contexto que as escolhas terminológicas variáveis ou não que os tradutores adotam, em seus TTs, correspondem ao que Simeoni (1998; 2007) e Gouanvic (1999; 2002; 2005) chamam de *habitus* tradutório, conceito cujas bases remontam à teoria sociológica de Pierre Bourdieu (1980; 1982).

No campo dos estudos da tradução, o *habitus* assume o caráter de um comportamento motivado pela e para a linguagem, a fim de proporcionar a composição de um texto *per se*, o TT. De acordo com as teorias sociológicas (BOURDIEU, 1980), o *habitus* compõe

conhecimento adquirido em sociedade que permite a regulação das práticas sociais de modo consciente. Essa consciência integra o conjunto das disposições que constituem a competência para que os agentes tenham acesso a estratégias adequadas e possam obter maiores possibilidades de lucro. O *habitus* é constituído por todas as medidas, padrões de ação ou percepção que os indivíduos adquirem por meio de sua experiência social. Ao se socializarem, os homens incorporam maneiras de pensar, sentir e agir, que são sustentadas pelo coletivo. Bourdieu (1980; 1982) considera que essas disposições são a fonte de práticas futuras dos indivíduos.

Notamos que a ação tradutória pode ocorrer conforme acordos e convenções que subjazem à prática e que são continuamente negociados pelos agentes envolvidos. Ao considerarmos o ato tradutório como uma atividade governada pelo *habitus*, é importante levarmos em conta o *status* atribuído aos tradutores com seu lugar determinado e as referências que eles fazem às regras que constantemente criam, coordenam, mantêm ou desrespeitam, aplicando-as a diferentes situações. Conseqüentemente, uma estrutura sociológica incluiria as análises dos elementos responsáveis pela reconstrução das regras normatizadoras e pela internalização dessas, o que contribui para um determinado *habitus* parcialmente baseado na negociação entre os campos concernentes ao TT.

Portanto, o processo tradutório abarca diversas interações sociais, o que nos permite ampliar nosso ponto de vista sobre características e valores das sociedades de partida e de chegada. Podemos identificar alguns condicionantes sociais que delimitam o *habitus* tradutório contidos no léxico de especialidade, assim como reconhecer as estratégias de exposição de dados culturais em outras sociedades.

A análise com base em *corpus* permite, por conseguinte, observar recorrências terminológicas como possíveis condutas de um *habitus* tradutório recorrente que, ao ser reconhecido pela investigação do TT, proporciona um padrão para a tradução de termos, ou seja, uma dada postura que se adequa ao comportamento aceito pelo núcleo social a que o tradutor pertence.

Material e método

Para essa investigação, foi compilado um *corpus* principal paralelo, composto pela obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), de autoria de Darcy Ribeiro; e pela respectiva tradução para o inglês, *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil* (2000), realizada por Gregory Rabassa.

O levantamento dos dados foi realizado com a utilização das ferramentas *Keywords* e *Concord* do *software WordSmith Tools* (versão 4.0), as quais facilitam a compilação dos termos e expressões, assim como de seus contextos de uso.

Para a extração de palavras-chave, que podem constituir os termos antropológicos estudados, é necessário trabalhar com *corpora* de referência pelo menos cinco vezes maiores que os *corpora* de estudo. Dessa forma, em português, utilizamos o *corpus Lácio-Ref*, um *corpus* aberto e de referência do português contemporâneo do Projeto *Lácio-Web*, composto de textos em português brasileiro, tendo como característica serem escritos respeitando a norma culta. A taxonomia de gêneros do *Lácio-Ref* é composta por textos científicos, de referência, informativos, jurídicos, prosa, poesia, drama, instrucionais e técnico-administrativos (ALUÍSIO et al., 2003).

Da mesma maneira, para extraírmos as palavras-chave em inglês, empregamos, como *corpus* de referência, o *British National Corpus (BNC Sampler)*, composto por textos originalmente escritos em inglês e desenvolvido pela parceria de membros da Oxford University Press, Longman Group Ltd., Chambers Harrap, Oxford University Computing Services, UCREL – Lancaster University e British Library Research and Development Centre.

Análise dos resultados

Para a análise de um possível *habitus* tradutório para os termos simples, expressões fixas e semifixas referentes à “mestiçagem” proposta por Darcy Ribeiro na obra *O povo brasileiro*, procedemos, a princípio, ao levantamento das listas de palavras-chave em LF. Entre as cem palavras-chave do *subcorpus* acima mencionado, dez representam termos voltados a valores e ações que condicionaram a “miscigenação” no Brasil, como, por exemplo: “aculturação”, “deculturação”, “escravismo” e “escravização”. O mesmo procedimento foi realizado para as listas de palavras-chave em LM, revelando o uso de oito palavras com o mesmo teor conceitual, tais como: *capitalism; colonialism; domestication, enslavement e slaves*.

Esses dados revelaram uma tendência à uniformização do uso da terminologia geral das ciências sociais pelo autor no que tange à conceituação da formação de um povo mestiço. Sendo assim, observamos como Rabassa agiu mediante a propagação da linguagem de especialidade e consideramos as distintas opções lexicais adotadas no TT como possíveis subsídios para a constituição de novos termos em LM, assim como para a possibilidade de diferentes interpretações dos conceitos sociais discutidos na obra em análise. Abaixo, apresentamos o Quadro 1, com alguns exemplos desses termos:

Quadro 1. Exemplos de tradução de termos simples referentes à “mestiçagem” na obra do corpus principal em LF e LM

Termos ocorrentes na obra em LF	Opção de tradução de Rabassa
Abrasilramento	<i>Brazilianization</i>
Aculturação	<i>Acculturation</i>
Mulato	<i>Mulatto</i>
Pardo	<i>Brown</i>
Raça	<i>Race</i>

Verificamos que, em sua maioria, os termos que apresentam uso nas teorias de Darcy Ribeiro remetem a questões previamente discutidas pela comunidade antropológica nacional e internacional. Por conseguinte, as opções tradutórias mostram-se regulares e demonstram o reconhecimento do *habitus* antropológico por parte de Rabassa.

Ao analisarmos o emprego do termo “raça”, por exemplo, notamos que o autor aplica um conceito bastante difundido aos contextos brasileiro e latino-americano. O constructo de “raça” (*race*) compreende, a princípio, uma subdivisão de uma espécie, cujos membros individuais mostram, com relativa frequência, certo número de atributos hereditários que se associaram uns aos outros, por meio de um grau considerável de procriação consanguínea entre os antepassados do grupo durante parte substancial de sua evolução recente.

De acordo com o *Dicionário de Ciências Sociais* (1986), o termo “raça” implica descendência. No entanto, a determinação dessa é controversa, dado que não somente as características físicas não configuram a herança racial.

No campo da antropologia, E.A. Hooton (1946, p. 448) define “raça” como

[...] uma grande divisão da humanidade, cujos membros, ainda que variando individualmente, se caracterizam como um grupo por meio de certa combinação de traços morfológicos e métricos, principalmente não adaptáveis, derivados de uma descendência comum.

Já W. M. Krogman (1945, p. 49) caracteriza “raça” como um

[...] subgrupo de pessoas que possui uma combinação definida de caracteres físicos de origem genética; essa combinação serve, em grau variável, para distinguir o subgrupo de outros subgrupos da humanidade, e a combinação é transmitida à descendência, fornecendo todas as condições que inicialmente deram origem a que a combinação permanecesse relativamente inalterada; em geral o subgrupo habita, ou habitou, uma região geográfica mais ou menos restrita.

Dessa forma, notamos que a teoria darcyniana estabelece vínculos com os estudos socioculturais precedentes, assim como constatamos que os *habitus* das ciências sociais e da antropologia são assimilados para a formulação do TO, o qual se aplica ao ambiente cultural, social e econômico brasileiro, mostrando certa necessidade inconsciente de tornar esse contexto explicável pelas concepções definidas pela comunidade mundial de antropólogos.

Outro possível esclarecimento para esse intenso uso da terminologia antropológica pode ser oferecido pelo imperativo de descrever fenômenos sociais de “brasilidade” e de “miscigenação racial” que advêm de elementos externos ao Brasil, como os fatores de formação étnica. Sendo assim, o autor tende a recorrer a conceitos abonados pela comunidade de especialistas e posteriormente incluir novos termos e expressões ao conjunto do léxico de especialidade da área.

Confirmamos, com isso, que parte do *habitus* tradutório constitui-se do reconhecimento do constructo teórico-terminológico da área, o qual se soma a valores e fatos sociais específicos do Brasil para compor o campo de um estudo dos elementos culturais tipicamente nacionais.

Outro termo a ser considerado em nossa investigação, no tocante aos conceitos antropológicos consagrados, é “aculturação” (*acculturation*). Winick (1961) compreende esse fenômeno como o processo pelo qual uma cultura é transmitida por meio de contato contínuo de diferentes grupos societários, de modo que, geralmente, um desses núcleos humanos tenha uma civilização mais desenvolvida. Nesse sentido, no *contexto* da cultura americana, consideramos que a adoção de traços característicos de outras comunidades ainda apresenta a ideia de superioridade e de diferenciação nos níveis de evolução. G.P. Murdock (1949) corrobora tal concepção ao definir o termo para o *Dictionary of Sociology*, de Fairchild (1955), acentuando também a adoção da cultura por meio do contato, especialmente com um povo de civilização mais adiantada.

Por sua vez, o *Dicionário de Antropologia: do homem primitivo às sociedades actuais*, de Akoun (1983), descreve a “aculturação” como um conjunto de fenômenos que resultam da circunstância de certos grupos de indivíduos de culturas diferentes entrarem em contato constante e de primeira mão com as mudanças que surgem nos modelos culturais

originais de um ou de ambos os grupos. Nessa obra, a entrada do termo ainda acresce que a “aculturação” distingue-se da “adaptação” ao meio, da “miscigenação”, do “casamento inter-racial” e da “assimilação”. Em língua portuguesa não há, na definição do termo, a proposta de um grupo sobrepondo-se ao outro, mas sim a ideia de repercussão de um trabalho mútuo.

Contudo, ao lermos Darcy Ribeiro, vemos que o autor entende que o conceito é definido de maneira insuficiente, pois desconsidera a assimetria geralmente presente nos processos de adoção, por parte de uma sociedade, dos traços de outras culturas. Para o autor, não basta reconhecer que traços das culturas de diferentes sociedades migram para outras, posto que os processos que envolvem essas transferências muitas vezes são coercitivos e se fundamentam na dominação de um grupo sobre outro. Tal dominação pode ser tão intensa que não deixa ao grupo subordinado nenhuma alternativa senão a de aculturar-se. Dessa forma, recoloca a relação de desigualdade social e de predomínio de um grupo sobre o outro, muito embora sua postura determine a leitura do ponto de vista do povo sobrepujado.

Notamos, ainda, que o comportamento tradutório aceita a proposta da variação linguístico-terminológica, principalmente quando o tradutor percebe a versatilidade de Darcy Ribeiro e a capacidade do autor em permitir que sua teoria absorva elementos culturais diversos pela inserção de elementos sociais e fenômenos culturais restritos ao povo brasileiro. Dessa forma, Darcy Ribeiro reconhece a diversidade tanto social quanto terminológica, conferindo a ela o papel de maior valor dentro das suas obras.

Dessa forma, Rabassa, ao lidar com o TO darcyniano, nota que não se trata apenas de uma ciência, mas sim de um posicionamento ideológico de identificação com o “ser brasileiro mestiçado”. O tradutor, então, equaciona essa interpretação sociocultural de maneira bastante considerável, visto que consegue compreender o *habitus* da mistura e do caldeamento racial no Brasil de maneira tão clara que sua obra acaba por se tornar ainda mais enfática na atitude identitária entre Darcy Ribeiro e o objeto de análise. Essa relação de trocas pode ser verificada nas escolhas lexicais de Rabassa e na amplitude concedida aos termos marcados culturalmente, por via das alternâncias de termos no TT.

Dessa forma, notamos que, no TT, houve variação de uso de termos simples no processo de tradução para a LM. Apresentamos, a seguir, o Quadro 2, com alguns exemplos desse fenômeno tradutório:

Quadro 2. Exemplos de termos simples referentes à “mestiçagem” na obra do *corpus* principal em LF e as possíveis variações de tradução em LM

Termos ocorrentes na obra em LF	Opção de Tradução de Rabassa
Brancarrão	<i>Light-Skinned</i> <i>Light Mulatto</i>
Caboclo	<i>Caboclo</i> <i>Mixed-blood</i>
Mameluco	<i>Mameluco</i> <i>Mameluke</i>
Mestiço	<i>Mestizo</i> <i>Mixed Blood</i> <i>Mixture</i> <i>Mixed</i> <i>Mulatto</i>
Mestiçagem	<i>Cross-breeding</i> <i>Miscegenation</i>

No que concerne à utilização do termo “caboclo”, por exemplo, observamos que, assim como a maioria dos *brasileirismos*, o conceito é assimilado pela *cultura meta* e pelo público-alvo de antropólogos, o que nos permite observar que, no âmbito das ideias de *society*, *population* e *villages* em LM, a adição dos termos culturais restringe as concepções e permite novas leituras, como vemos com o uso de *caboclo*.

No Brasil, “caboclo” é o mestiço de branco com índio. Também é chamado de “caboco” e “mameluco”, designando as antigas povoações indígenas brasileiras. Câmara Cascudo, no *Dicionário do folclore brasileiro* (1972[1954]), vincula o termo às noções de “o que vem da floresta” ou de “filho de homem branco”. O autor também apresenta vocábulos tidos como sinônimos, tais como “tapuiú”, termo genérico e pejorativo, destinado ao uso para referir-se a determinados povos indígenas; e “caburé”, o caboclo acobreado e de cabelos lisos.

Há, ainda, ligada ao termo “caboclo” a noção de entidades lendárias indígenas e de manifestações de religiões que se incorporam em ritos no candomblé, no catimbó, na macumba e na umbanda. As entidades assim denominadas apresentam-se nos “terreiros” e são conhecidas como espíritos evoluídos.

Em LM, o uso de *caboclo* também mostra certa regularidade, assim como muitos outros aspectos da cultura brasileira, principalmente aqueles que são elucidados em textos literários. Com isso, no contexto de recepção do TT, *caboclo* significa o mestiço do índio brasileiro com o europeu dominador. Na sociedade de chegada, o termo fica, primeiramente, associado à “mestiçagem” e pode confundir o leitor com os conceitos de *mulatto* (“mulato”) e *northeast* (“nordestino”).

A partir dessas constatações, passamos a observar como o tradutor trabalha o uso terminológico das expressões fixas e semifixas na obra em análise, considerando a variação que se estabeleceu no processo tradutório da escrita acadêmica de Darcy Ribeiro.

É interessante mencionar que a utilização de expressões mostrou-se bastante difundida nas obras do antropólogo brasileiro. Notamos, ainda, que, entre as expressões, a variação de escolhas lexicais de Rabassa não ocorre, corroborando nossa proposta de que o *habitus* tradutório, quando incorpora os conhecimentos referentes ao campo da antropologia, tende a manter certa recorrência terminológica. Abaixo, apresentamos o Quadro 3, com exemplos de expressões que não sofreram variação na composição terminológica dos TTs:

Quadro 3. Exemplos de tradução de expressões fixas e semifixas referentes à “mestiçagem” na obra do corpus principal em LF e LM

Expressões fixas e semifixas ocorrentes na obra em LF	Opção de tradução de Rabassa
Brasilíndio mestiço	<i>Brazilindian mixed</i>
Gente mestiça	<i>Mixed people</i>
Gente mestiçada	<i>People of mixed-blood</i>
Mestiços livres	<i>Free mulattos</i>
População mestiça	<i>Mixed-blood population</i>

A correlação que se configura entre as expressões fixas e semifixas, em *O povo brasileiro*, está associada, em grande parte, à formação e consolidação das “sociedades modernas”, permeada pela inserção de novos grupos humanos em comunidades antes

pautadas pela homogeneidade de etnia e pelas relações fixas de familiaridade. Vemos, por conseguinte, o impacto do crescimento e o final das distinções raciais, muito embora esse fenômeno abarque questões de recolocação social e de preconceito.

Nesse sentido, verificamos que a ideia de uma “população” miscigenada revela questões concernentes à formação de um “povo” (*people; population*) com um sistema de crenças, de hábitos e de relações humanas novas. É interessante considerar, por conseguinte, que “povo” pode ser definido sob a proposição de três componentes: 1) um conjunto de indivíduos; 2) que constitui algo; e 3) delimitado por um território legalmente definido por instituições políticas. A concepção do *Dicionário de Ciências Sociais* (1986) salienta que o valor terminológico de “povo” é quase inequívoco quando associado à rede de instituições que dispõem sobre sua ordenação e estatutos. Com base nesses aspectos, agregar os valores da “mestiçagem” a um grupo específico permite observar que, tanto em LF quanto em LM, ocorre o mesmo processo de composição e de reassociação de costumes, aceitação e proibições que circundam os conceitos de “racialidade” (*raciality*), “comunidade” (*community*) e “sociabilidade” (*sociability*), trazendo à baila os propósitos de constituição de um “povo novo”, como proposto por Darcy Ribeiro.

O “povo novo” darcyniano é reconhecido, pois, como a confluência da regência dos portugueses com as matrizes raciais dispare e as tradições culturais distintas pertinentes aos índios e negros, de modo que essas se fundem para dar lugar a uma nova formação populacional, um novo modelo de estruturação societária. Para o autor, esse povo é novo porque se diferencia de suas bases formadoras, sendo fortemente mestiçado e dinamizando uma cultura sincrética:

Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização sócio-econômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros. (RIBEIRO, 1995, p. 19)

Por conseguinte, as expressões utilizadas pelo antropólogo, bem como suas respectivas traduções, representam uma intercalação teórica com os precedentes históricos que discorrem sobre o evolucionismo sociorracial com alcance mundial. Por tal razão, as expressões geralmente configuram uma terminologia fundada, primordialmente, entre cientistas sociais europeus e norte-americanos, a qual, combinada a preceitos da sociedade brasileira, ganha novos contornos e novas acepções, que, por sua vez, são apresentadas ao público-alvo em LM por meio de um *habitus tradutório* voltado para a teorização e para um alcance maior das proposições metodológicas de estudo do processo de miscigenação. Sendo assim, verificamos que Rabassa procurou manter uma intrínseca relação de sentido com o senso identitário do brasileiro desenvolvido por Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro*.

Considerações finais

Ao trabalharmos com a tradução da obra *O povo brasileiro*, compreendemos que os valores e os conhecimentos culturais apresentados por Darcy Ribeiro são entendidos por Rabassa como uma nova posição do *habitus* antropológico, a qual engloba o *brasilianismo* na concepção dos conceitos e das teorias sobre miscigenação. Em decorrência dessa inserção

de novas práticas antropológicas, como a identificação do autor com seu objeto de análise, o povo brasileiro, o tradutor depara-se com muitos termos marcados pela contextualização cultural, o que lhe permite utilizar um maior número de empréstimos, a fim de expor concepções relacionadas ao ambiente brasileiro.

Notamos que o tradutor depreende os comportamentos do antropólogo Darcy Ribeiro por meio de suas escolhas no âmbito da linguagem de especialidade, e permite que as condutas terminológicas variáveis do autor repercutam na formação do *habitus tradutório*, o qual, em um ciclo de desenvolvimento constante, irá gerar novas terminologias e variações no TT, que irão, por sua vez, agir ativamente na compreensão teórica por parte do público-alvo. Conseguimos, pois, observar como o processo e o produto tradutórios repercutem na constituição da linguagem sobre a formação do povo brasileiro mestiçado e como a variação nas escolhas do léxico pode também alterar os conceitos e promover novas interpretações.

Verificamos que o *habitus tradutório* seria uma representação das relações estabelecidas entre a Cultura Fonte e a Cultura Meta, as quais se apresentam no uso e nas escolhas do léxico. O papel social do tradutor, por conseguinte, estaria relacionado à depreensão das relações entre os *habitus* contidos no TO e a realocação dos mesmos na sociedade de chegada.

As ferramentas e utilitários do *software WordSmith Tools* permitiram a análise de uma grande quantidade de dados, obtidos de maneira muito mais rápida e precisa do que manualmente. As linhas de concordâncias, levantadas com a utilização da ferramenta *Concord*, favoreceram a observação da organização das palavras dentro dos sintagmas, corroborando a análise de que os termos não têm significado independentes, visto que seus elementos se inter-relacionam criando especificidades próprias de acordo com o contexto a que se aplicam na Cultura Fonte ou na Cultura Meta.

Nesse sentido, um comportamento que é recorrente em seus âmbitos social e cultural pode ser observado, via linguística de *corpus*, de modo que as questões sociais envolvidas no processo e o produto tradutório (TT) aparecem por meio da variabilidade lexical e das escolhas terminológicas do tradutor. A tradução assume papel de ato social, perpassando fatores linguísticos e atribuindo às palavras, e mais precisamente aos termos, valores a serem negociados entre as comunidades de partida e de chegada.

Compreendemos que não existe uma definição de sociedade que seja única e aceita de modo geral, pois cada grupo humano organiza-se de maneiras distintas e vê o mundo sob diferentes perspectivas. De maneira geral, os estudiosos das ciências sociais procuram estabelecer uma totalidade das relações sociais entre as criaturas humanas, e a terminologia concernente ao panorama geral dos conhecimentos socioculturais torna-se, de certa forma, padrão. Observamos que, na tradução da obra darcyniana, a alternância na escolha de termos fica mais evidente em elementos que são marcados socialmente por valores folclóricos e representações de atos, atores e lugares culturalmente apresentados.

Diante dos resultados apresentados, esperamos que esse estudo ofereça contribuições para os estudos da tradução baseados em *corpus*, para a linguística de *corpus* e para a sociologia da tradução. Acreditamos também que os dados aqui apresentados possam fornecer subsídios a professores, pesquisadores, tradutores, bem como a profissionais da área de ciências sociais, no sentido de promover a conscientização acerca das diferenças socioculturais contidas no léxico de especialidade voltado a um fator social específico, como, no caso, a mestiçagem no Brasil, e também, de oferecer material de suporte para futuras traduções e para o desenvolvimento do *habitus tradutório*.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, S. et al. The Lacio-Web Project: overview and issues in Brazilian Portuguese corpora creation. *Corpus Linguistics*, Lancaster, Inglaterra, v. 16, p. 14-21, 2003.

AKOUN, A. *Dicionário de Antropologia: do homem primitivo às sociedades actuais*. Tradução de Germiniano Cascais Franco. Lisboa: Verbo, 1983.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: USP, 2004.

BAKER, M. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena, 1999. p. 15-34.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 177-186.

_____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

_____. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

_____. *In other words: a coursebook on translation*. Routledge: London and New York, 1992.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

_____. *Questions de sociologie*. Paris: Éd. de Minuit, 1980.

CÂMARA CASCUDO. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL, 1972 [1954].

CAMARGO, D. C. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica / São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. Coleção Brochuras, v. 1. 65p.

_____. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livro-Docência em Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polisystem. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 117-127 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000. p. 199-204].

FAULSTICH, E. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, G.G.; LAGOS, M.F.P. (Coord.) *Panoraman actual de La terminologia*. Granada: Interlíngua, Editorial Comares, 2002. p. 65-91.

_____. *Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos?* In: Jornada sobre “Variacion Geolectal i Terminologia” Red Panlatina de Terminologia Realiter/IULAterm/Institut Universitari de Linguística Aplicada. Barcelona, Espanha, 24 de novembro de 2004.

FAIRCHILD, H. P. (Org.) *Dictionary of Sociology*, Ames: Littlefield, 1955.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GOUANVIC, J. Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960). In : SNELL-HORNBY, M.; JETTMAROVÁ, Z.; KAINDL, K. (Eds). *Translation as Intercultural Communication: selected papers from the EST Congress Prague*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 33-44.

_____. *Sociologie de la traduction: la science-fiction américaine dans l'espace culturel français des années 1950*. Arras : Artois Presses Université, 1999.

_____. The Stakes of Translation in Literary Fields. *Across Languages and Cultures*, v. 3, n. 2, 2002, p. 159-168.

_____. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances: Field, 'Habitus', Capital and 'Illusio'. *The Translator*, v. 11, n. 2, p.147-166, 2005. Special Issue. Bourdieu and the Sociology of Translation and Interpreting.

HOOTON, E. A. *Up from Ape*. 2. ed. New York: Macmillan, 1946.

KROGMAN, W. M. *The concept of race*. Linton: [s.n.], 1945.

LAVIOSA, S. *Corpus-based translation studies: theory, findings, applications*. Amsterdã/Atlanta: Rodopi, 2002.

MURDOCK, G. P. *Social Structure*. New York: Macmillan, 1949.

PATHAK, L. P. *Sociological concepts and terminology*. New Delhi: Anmol Publications PVT Ltda., 1998.

RIBEIRO, D. *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*. Translated by Gregory Rabassa. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMEONI, D. The Pivotal Status of the Translator's Habitus. *Target*, v. 10, n. 1, p. 1-39, 1998.

_____. Translation and Society: The Emergence of a Conceptual Relationship. In: ST-PIERRE, P.; KAR, P.C. *In Translation: Reflections, Refractions, Transformations*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 13-27.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance and collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 83-100. [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000. p. 198-211].

WINICK, C. *Dictionary of Anthropology*. London: Peter Owell, 1961.